

Orquestra Gulbenkian

Andreas Ottensamer



15 + 16 dez 22



15 dez 22 QUINTA 20:00

16 dez 22 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian
Andreas Ottensamer Clarinete / Direção

Felix Mendelssohn-Bartholdy

Lobgesang e Canções sem Palavras

(arranjos para clarinete e orquestra de Andreas Ottensamer)

c. 40 min.

INTERVALO

Wolfgang Amadeus Mozart

Três Interlúdios de *Thamos, Rei do Egito*, K. 345
e *Ave Verum Corpus*, K. 618

(arranjos para clarinete e orquestra de Andreas Ottensamer)

c. 15 min.

Igor Stravinsky

Suite de *O Pássaro de Fogo*

c. 21 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Felix Mendelssohn-Bartholdy

(Hamburgo, 1809 – Leipzig, 1847)

Lobgesang. Sinfonia

—

COMPOSIÇÃO 1840

DURAÇÃO c. 27 min.

Canções sem Palavras (seleção)

—

COMPOSIÇÃO 1833-1845

DURAÇÃO c. 13 min.

Lobgesang: Maestoso con moto – Allegro

Canção sem Palavras op. 19 n.º 6

Lobgesang: Allegretto un poco agitato

Canção sem Palavras op. 30 n.º 4

Canção sem Palavras op. 30 n.º 6

Canção sem Palavras op. 62 n.º 6

Canção sem Palavras op. 102 n.º 4

Lobgesang: Adagio religioso

A Sinfonia-Cantata *Lobgesang* (“Canto de louvor”), op. 52, só postumamente foi indexada como Sinfonia n.º 2, uma vez que a complicada gestação/revisão/edição das sinfonias de Mendelssohn tinha deixado o seu catálogo sinfónico desprovido de uma 2.ª Sinfonia.

Tomando o exemplo de Beethoven na 9.ª Sinfonia, Felix Mendelssohn, porém, expande-o, sendo que aqui a componente coral-sinfónica excede em duração (e em impacto) a correspondente instrumental. Temos assim, em suma, uma cantata, que é provida e precedida de três andamentos, que servem de preparação e pré-anúnciação do material e dos ambientes que se seguirão, com as vozes. A obra, encomenda do conselho municipal de Leipzig, foi escrita para os 400 anos da invenção da imprensa por Gutenberg

e estreou na cidade saxã a 25 de junho de 1840 e, na versão aumentada final, a 3 de dezembro do mesmo ano, também em Leipzig, com um sucesso sempre ampliado nos anos seguintes.

O início faz-se logo com o refrão principal da parte coral: “Tudo o que respira exulta o Senhor”, pelos metais. Surgem outros dois temas: um mais fluido e sinuoso, nos violinos; e outro, mais calmo e afim de um canto tradicional-popular (nas madeiras, em parte dobradas pelos violinos). Esse andamento segue a estrutura da forma-sonata.

O segundo andamento é uma espécie de “idílio” entre o *Allegro* (1.º and.) e o *Adagio religioso* final, que prepara o ambiente para o que se seguirá. Esse andamento está numa forma ABA', com uma coda plena de tranquilidade e pacificação.

A contribuição de Mendelssohn para o repertório pianístico a solo repousa sobre três títulos: a *Fantasia Escocesa*, op. 28 (1834), as *Variações sérias*, op. 54 (1841), e as *Canções sem Palavras*. Estas últimas foram editadas em oito cadernos,

entre 1832 e 1868, sempre em conjuntos de seis, totalizando por isso 48, no total (há ainda outras sete peças com esse nome, avulsas). As peças que hoje ouviremos provêm dos cadernos 1, 2, 5 (dedicado a Clara Schumann) e 8.

Na op. 19/6 (subtítulo: “Canto de gôndola veneziana”), uma melodia desenvolve-se sobre uma estável figuração de acompanhamento. A op. 30/4 tem algo da impetuosidade schumanniana e denota um interessante trabalho textural/registal. A op. 30/6 apresenta um baixo bem definido, sobre o qual Mendelssohn desvela uma melodia muito delicada e intimista.

A op. 62/6, apelidada de “Canção primaveril”, é uma das melodias mais conhecidas de Mendelssohn, com um acompanhamento a lembrar a guitarra. A op. 102/4 tem uma textura de melodia acompanhada, com um canto pairando sobre arpejos ondulantes.

Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

Três Interlúdios de *Thamos, Rei do Egito*, K. 345

—

COMPOSIÇÃO c. 1775

DURAÇÃO c. 12 min.

Ave Verum Corpus, K. 618

—

COMPOSIÇÃO 1791

DURAÇÃO c. 3 min.

INTERLÚDIO N.º 2: *Maestoso – Allegro*

INTERLÚDIO N.º 4: *Allegro – Andante – Adagio*

Ave Verum Corpus

INTERLÚDIO N.º 5: *Allegro vivace assai*

A música que Mozart escreveu para *Thamos, Rei do Egito*, foi a sua única incursão na composição para o teatro. Trata-se de um drama heroico em cinco atos, da autoria de Tobias Philipp, barão von Gebler, publicado em 1773, em Dresden e Praga, e que estreou a 4 de abril de 1774, em Viena. Nessa ocasião, apenas dois números corais terão sido ouvidos, mas a restante música terá muito provavelmente sido escrita para uma reposição da peça pela companhia itinerante de Karl Wahr, em Salzburgo, no final de 1775 e início de 1776 (sendo que também os coros originais foram então revistos). Chegou-se assim ao formato definitivo, com três números corais (nos. 1, 6 e 7b) e 5 instrumentais (nos. 2 – 5 e 7a). A peça, porém, depressa caiu no esquecimento e, com ela, a música, com pesar de Mozart, que disso falou ao seu pai, em carta. Porém, ela seria recuperada para *Lanassa*, drama ambientado na Índia, de Karl Martin Plümicke, pela companhia de Johann Böhm (que Mozart conhecia bem), decerto

com seu conhecimento, desde 1779-80. Sabendo-se que esta peça percorreu várias cidades alemãs nos anos seguintes, é muito provável que a música tenha sido incluída pelo menos nalgumas dessas ocasiões⁴.

Os trechos que hoje ouviremos são os nos. 2, 4 e 5 da música de cena (ou seja, os entreatos após o 1.º, 3.º e 4.º atos). O n.º 2 tem uma introdução *Maestoso* que nos remete para o Mozart que há de vir a nível dramático. No *Allegro* seguinte, destaque para o tema em arpejos descendentes, *forte*, que lembra o tema inicial da Sinfonia “dos Adeuses” de Haydn (de 1772). O n.º 4 apresenta os elementos mais díspares: início agitado que lembra o *Sturm und Drang* musical; uma secção de cantilena operática; e uma melodia nos violinos com um certo *pathos*. O n.º 5, por fim, é uma pequena forma-sonata, com um *tutti* marcial e um tema mais confortável nas cordas (depois, com madeiras), seguido de um interessante trabalho sobre o material no desenvolvimento.

Ave Verum Corpus é um motete para coro a quatro vozes, cordas e órgão, datado de 17 de junho de 1791.

O texto, de autor anónimo (séc. XIII?)²,

é uma meditação sobre o Mistério da Transubstanciação na missa católica. Daí que seja associado ao momento da Elevação (ou precedendo a Comunhão) e se adequa à solenidade do Corpo de Deus, para a qual aliás foi composto. Foi uma oferenda de Mozart, quiçá em agradecimento a Anton Stoll, regente do coro da igreja de Sto. Estêvão de Baden (estância termal a sul de Viena), que em sua casa acolheu Constanze Mozart, em fase avançada de gravidez, que ali fora descansar e “a águas” por recomendação médica³. São uns meros 46 compassos, mas imbuídos de beleza, recolhimento e intensidade, dentro de uma geral singeleza e limpidez de estilo (apenas com alguns cromatismos cirúrgicos com a “marca” de Mozart) como o exigia o coro amador a que se destinou.

-
- 1 Uma segunda vida encontraram, outrossim, os números corais: providos de textos latinos para uso litúrgico, foram ouvidos, decerto em estreia, em outubro de 1790, nas cerimónias de entronização do imperador Leopoldo II.
- 2 Há quem o atribua ao papa Inocêncio VI (meados séc. XIV).
- 3 A 26 de julho, Constanze daria à luz Franz Xaver Wolfgang Mozart.

Igor Stravinsky

(Oraniembaum, 1882 – Nova Iorque, 1971)

Suite de O Pássaro de Fogo

COMPOSIÇÃO 1919

DURAÇÃO c. 21 min.

1. *Introdução: O Pássaro de Fogo e a sua dança*
2. *Ronda (Khorovod) das princesas*
3. *Dança infernal do rei Kachtchei*
4. *Berceuse*
5. *Final*

O Pássaro de Fogo foi a obra que fez de Igor Stravinsky, aos 28 anos, uma celebridade europeia da noite para o dia. A encomenda de Sergei Diaghilev para a segunda temporada dos *Ballets Russes*, em Paris, caiu-lhe do céu, pois a primeira escolha do empresário – Anatoly Liadov – declarou que não conseguiria cumprir o prazo requerido para completar a obra. Stravinsky, cuja música Diaghilev conheceu em fevereiro de 1909, recebeu o encargo em dezembro e em abril já se ensaiava para a estreia próxima. Essa ocorreria a 25 de junho, na Ópera de Paris, dirigida por Gabriel Pierné. Foi um enorme sucesso, para o qual contribuiu, além da música (na qual se nota a influência combinada de Debussy e de Rimsky-Korsakov), a própria substância fantástica e mágica da história (que entrelaça duas lendas russas), preparada e coreografada por Michel Fokine, e os figurinos muito sugestivos de Léon Bakst.

A partitura original é destinada a uma grande orquestra pós-romântica (60 cordas, madeiras a 4), pelo que, tendo em conta a popularidade da obra e de modo a permitir que se ouvisse como peça de

concerto tradicional, Stravinsky preparou em 1919 uma suite com uma orquestração de menor escala (madeiras a 2).

O primeiro número tem uma *Introdução* noturna e misteriosa, a que se segue um segundo elemento, nervoso e saltitante (a *Dança do Pássaro de Fogo*), regressando no final uma variante do material inicial.

A variação do *Pássaro de Fogo* é mais agitada, angulosa e crepitante, como convém a um ser mágico, com uma orquestração dominada por apontamentos das madeiras. A *Ronda das princesas* abre com um tema que tem em embrião o tema do *Finale*, mas depois revela o seu delicado carácter pastoral, com um tema no oboé (depois comentado por violoncelo, clarinete, fagote e trompa) e um tema secundário nas cordas, sempre discretas (madeiras e trompas têm protagonismo).

A *Dança infernal* é um dos momentos mais famosos de toda a obra (tal como Kachtchei é o personagem mais pitoresco); trata-se na verdade de um tema elementar, apresentado pelos metais suportados pela percussão, que Stravinsky depois expande e enriquece por meio de uma inventiva orquestração. Na *Berceuse* reina um ambiente noturno, romântico e expectante, sendo protagonista um tema apresentado no fagote, a que o oboé responde com suporte das cordas. É uma forma ABA com coda, sendo que nesta (violinos em *tremolo* e *pp*) se prepara a entrada do *Finale*: aqui, tema anunciado nas trompas e de seguida nos violinos, para depois ser trabalhado sob diferentes cores/combinções orquestrais. Na poderosa coda, ouvem-se nos metais pequenos segmentos que sugerem um coral russo, fechando tudo em grande *crescendo*.

NOTAS DE BERNARDO MARIANO

Andreas Ottensamer

Andreas Ottensamer nasceu em Viena em 1989 e é um dos principais clarinetistas da sua geração. Descende de uma família de músicos austro-húngara que incentivou o seu talento musical desde muito cedo. Iniciou-se no piano aos quatro anos de idade e aos dez começou a estudar violoncelo na Universität für Musik und darstellende Kunst Wien, tendo mudado para o clarinete em 2003. Em 2009 interrompeu os seus estudos em Harvard para ingressar na Academia de Orquestra da Filarmónica de Berlim. Andreas Ottensamer apresenta-se como solista nas principais salas de concertos em todo o mundo, tendo colaborado com orquestras como a Filarmónica de Viena, a Filarmónica de Roterdão, a Kammerphilharmonie Bremen, a Sinfónica Metropolitana de Tóquio, a Filarmónica de Seul, a Filarmónica de Istambul, a Filarmónica de Londres ou a Sinfónica de Adelaide. Colaborou com grandes maestros como Mariss Jansons, Simon Rattle, Andris Nelsons, Yannick Nézet-Séguin, Alan Gilbert e Lorenzo Viotti. Na temporada 2017/18, foi “Artista em Residência” na Sinfónica de Bournemouth e na Kammerakademie Potsdam, e ainda “Menuhin Heritage Artist” no Festival Menuhin de Gstaad. Em 2019 estreou-se no Carnegie Hall de Nova Iorque e em janeiro

de 2020 interpretou o Concerto para Clarinete de Mozart na Semana Mozart de Salzburgo. No domínio da música de câmara, as parcerias artísticas de Ottensamer incluem colaborações com Yuja Wang, Seong-Jin Cho, Lisa Batiashvili, Patricia Kopatchinskaja, Philippe Jaroussky, Gautier Capuçon e Sol Gabetta. Em 2005 fundou o trio de clarinetes The Clarinotts, com o seu pai Ernst e o seu irmão Daniel. É diretor artístico do Bürgenstock Festival, na Suíça. Em fevereiro de 2013, começou a gravar para a Deutsche Grammophon, tornando-se então no primeiro clarinetista solista a assinar um contrato de exclusividade com esta editora. Para o álbum *Blue Hour*, que inclui obras de Weber, Mendelssohn e Brahms, colaborou com o maestro Mariss Jansons e a Filarmónica de Berlim, tendo recebido o seu segundo prémio *Opus Klassik* como “Instrumentista do Ano”. Gravou o Trio op. 114 de Brahms, com a pianista Yuja Wang e o violoncelista Gautier Capuçon, álbum lançado em setembro de 2022. Desde março de 2011, é clarinetista principal da Orquestra Filarmónica de Berlim. Desde a temporada 2020/21, Ottensamer tem-se apresentado também regularmente como maestro. Em 2021 recebeu o Prémio Neeme Järvi da Academia do Festival de Gstaad. Estuda direção com Nicolas Pasquet em Weimar.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir de setembro de 2023, Hannu Lintu assumirá as funções de Maestro Titular, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Álvaro Pereira*

CONCERTINO PRINCIPAL

Francisco Lima Santos

1º CONCERTINO AUXILIAR

Bin Chao

2º CONCERTINO AUXILIAR

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnón

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Otto Pereira

David Ascensão

Flávia Marques

Matilde Araújo

Catarina Ferreira

Margarida Queirós*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA

Cecília Branco 1º SOLISTA

Jorge Teixeira 2º SOLISTA

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Maria José Laginha

Camille Bughin

Juan Maggiorani

Francisca Fins

Miguel Simões

Félix Duarte

Asilkan Pargana

Teresa Pinheiro*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

Leonor Braga Santos 2º SOLISTA

Maia Kouznetsova

Artur Mouradian

Albert Payà

João Dinis

Precília Diamantino

Mariana Moreira

Milan Radocaj*

Margarida Abrantes*

Leonor Fleming*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo
Hugo Paiva
Gonçalo Lélis
João Valpaços*

CONTRABAIXOS

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 1º SOLISTA
Marine Triolet 2º SOLISTA
João Lobo
Vanessa Lima*
Raquel Leite*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José María Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO
Bruna Moreira 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA
Rodrigo Carreira 1º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Jorge Pereira 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO
Faustino Perez 1º SOLISTA*
TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Cristiano Rios 2º SOLISTA*
Tomás Rosa 2º SOLISTA*

PIANO

Inês Mesquita 1º SOLISTA*

HARPA

Ana Aroso 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Fábio Cachão
Pedro Canhoto
Inês Nunes

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos
a cultura
para *melhorar*
a sociedade



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A

400 Exemplares

PREÇO: 2 €

Lisboa,
Dezembro 2022

